

# Religião e juventude: entre a felicidade social e a felicidade privada

Vlademir Lucio Ramos\*

SOFIATI, Flávio Munhoz. **Religião e juventude: os novos carismáticos**. São Paulo: Ideias & Letras, 2011.

A Canção Nova é uma estrutura pentecostal católica que possui uma burocracia religiosa peculiar: administração pautada em ritos e estatutos de viés carismático, e, a partir deste corpo burocrático, influencia pela via simbólica e ritual o *modus operandi* dos partícipes deste meio. Partindo de balizas sociológicas, o professor e pesquisador Flávio Munhoz Sofiati (2009) faz uma análise do movimento estudantil católico *Por Hoje Não Vou Mais Pecar* (PHN), na cidade de Araraquara, no interior do Estado de São Paulo. O PHN é um braço importante da Canção Nova e tem o intuito de captar jovens por meio de evangelização carismática.

O livro de Sofiati traduz adequadamente esse dinamismo. Essa publicação reproduz, com pequenas alterações, a tese de doutorado em sociologia do autor, defendida em 2009, junto à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da PUC. Entre encantamentos e desencantamentos, o papel do pentecostalismo católico é importante pelo deslocamento mágico que ele realiza para a compreensão do entorno social, principalmente aquele que se refere à realidade da juventude na sociedade. Para abordar a problemática em questão, Sofiati faz uso de recursos metodológicos, bibliográficos e historiográficos, privilegiando a abordagem etnográfica e em *história oral*, como *técnicas de observação e pesquisa*. Três são os momentos ou partes significativas do seu texto: a) A relação entre juventude e as várias dimensões da realidade brasileira aparece com destaque; logo em seguida, a articulação teórica do método compreensivo weberiano, tensionado com as contribuições gramscianas

---

\* O autor é pesquisador social e doutorando em ciências da religião pela Umesp. Integra o Grupo de Pesquisa Repal (Religião e Periferia Urbana na América Latina).  
E-mail: vla.r@ig.com.br .

embutidas na construção da noção de juventude; surgimento do movimento da RCC, e em particular da Canção Nova e sua proposta religiosa para a juventude; b) A análise do cenário brasileiro, sob o influxo do desencantamento do mundo e da pluralidade religiosa e seus encadeamentos com a Renovação Carismática Católica (RCC) e c) descrição e interpretação das ações, propostas e gestão do movimento cançonovista, PHN na *juventude católica*. A seguir, elencaremos breves considerações sobre as partes construídas por Sofiati. O livro se divide em três partes (com dois capítulos em cada parte) intercaladas por uma breve introdução e uma conclusão geral intitulada “Quem são os novos carismáticos?”

Na primeira parte, o autor faz uma breve perspectiva da juventude no Brasil, desde o movimento abolicionista, passando por um movimento de consciência político-partidária, até o reconhecimento institucional com a criação da UNE, em 1932. Parcela da juventude brasileira engaja-se em setores religiosos proeminentes no período do regime militar, na década de sessenta (60) e setenta (70), fazendo voz crítica ao sistema político e econômico vigente. Com a redemocratização no período da década de oitenta (80), o rosto juvenil se despoltizou, passando a criar grupos de referência identitária, e principalmente no final da década de noventa (90), manifestam-se e se organizam especialmente em movimentos religiosos (p. 17-20). Existe aqui uma relação de proximidade entre o inflacionamento de jovens em movimentos religiosos e a falta de oportunidade e sentido verificados em relação ao trabalho e educação? Neste sentido, o autor apresenta um panorama não muito animador para a juventude atual. As dificuldades encontradas pela juventude são ainda maiores diante desse quadro de escassez de vagas de emprego. Se há uma deterioração progressiva das oportunidades de trabalho, conseqüentemente, isso fará reflexo no ambiente educacional, causando a evasão escolar, sobretudo entre os jovens empobrecidos. Algumas explicações vão ou na direção da necessidade de trabalho precoce para compor a renda familiar ou porque *a escola não fornece condições apropriadas de ensino*, retardando o amadurecimento do adolescente (p. 27).

A ausência de atrativos se verifica também em relação à política brasileira. Atualmente, a falta de participação da juventude em partidos políticos e o descrédito que sofre a política nacional não podem ser atribuídos à crise de valores que perpassa a sociedade como um todo. Poderíamos levantar um questionamento que o próprio autor silencia: a ação repressiva do governo militar, a perseguição e morte de parcela da juventude neste período não teria aí promulgado determinado temor no seio social e conseqüente desencorajamento dos filhos que foram nascendo no final da década de setenta (70) e educados ao não envolvimento com política? A redemocratização na década

de oitenta (80) com o apelo para a intensa atividade cidadã coincidiu com o processo de individualização e emancipação juvenis de preocupação consigo mesmo? São questões que poderiam nutrir também a reflexão sobre o fato de participação massiva de jovens nos grupos e associações religiosas. Crise também se verifica em relação ao futuro, considera Sofiati. A modernidade contemporânea esgota e fragmenta possibilidades de realizações pessoais a longo prazo. No entanto, há um acento muito grande na *ideia de experimentação*, isto é, realização imediata e momentânea das necessidades dos sujeitos. A busca do espaço religioso se mostra como alternativa de *estabilidade social*. A juventude contemporânea procura espaços onde pode externalizar sua identidade subjetiva, desvinculada da participação social. As “novas comunidades católicas” (NCC), assim como o PHN, não podem ser caracterizadas como movimentos sociais, já que estes possuem uma prática política de contestação social muito clara. Elas se caracterizam como *movimentos comunitários* e o que se quer nestes ambientes é maximização das identidades pessoais (p. 36).

Segundo o autor, a noção “juventude” é polissêmica. É uma categoria social construída historicamente – senão uma construção da própria modernidade – tomando feições de acordo com a fisionomia social. Agrega definições como fase da vida, e momento da descoberta da vida e da história, sendo assim, cabe entendê-la no plural: “juventudes”. Podemos encontrar muitas *juventudes* distintas, com diferentes capitais simbólicos no mesmo espaço social. A partir dos pressupostos conceituais estabelecidos anteriormente, como então articulá-los com a religião? Gramsci é utilizado para entender como se estruturam as relações macroideológicas entre religião e sociedade. O aporte weberiano é acionado para a compreensão do fenômeno em si e das suas *relações internas*. As ações dos indivíduos das comunidades carismáticas estão *orientadas para um sentido*. Então quais as *motivações/impulsos* que levam os indivíduos a agirem como agem? As ações empreendidas pelo PHN são racionais porque objetivam determinado fim. A barganha entre formadores e formandos dentro desses grupos carismáticos é bem definida: a condição é: “aceite os mandamentos de Deus”. Caso isto não ocorra, a possibilidade de obtenção de bens de salvação torna-se nula. O neófito ou aquele que participa do grupo fica submetido a um regramento e *sua convivência com a dominação*. O conceito de dominação weberiano é retomado para compreender e explicar o sentido da ação da Canção Nova. Dominação carismática e racional ou burocrática são constatadas como determinantes e, na medida em que o grupo cresce, a *rotinização* do carisma foi uma necessidade imprescindível do grupo em vistas de sua sobrevivência. O líder da Canção Nova, monsenhor Jonas Adib, mantém a rotinização das tarefas e os agentes especializados, recrutados para administrar os cultos e ritos de oração, são submetidos à mesma lógica.

*Aqueles que são assistidos, os leigos, são recrutados de camadas pobres e são suscetíveis a uma ética da retribuição* (p. 51).

O referencial teórico gramsciano é utilizado para entender as relações de poder ad-extra entre o pentecostalismo católico cançãovista e o entorno social. O autor dialoga também com marxistas contemporâneos, por exemplo, Michel Löwy, para entender se existe um tipo de influência religiosa na constituição do capitalismo e de que forma os aspectos religiosos reinterpretam a cosmovisão dos sujeitos. Gramsci, segundo Sofiati, contribuiu, ao analisar o catolicismo italiano, *para o entendimento da cultura religiosa entre as massas* (p. 56). Mas não é somente esta contribuição de Gramsci ao fenômeno religioso católico. A religião desempenha um papel político e ideológico importante porque é permeada de contradições e também porque cria em seu seio intelectuais que fornecem interpretações não somente doutrinárias, mas de mundo e de sociedade. Entre os intelectuais religiosos da Canção Nova, destacam-se monsenhor Jonas, o denominado “professor” Felipe Aquino e Dunga, apresentador e *idealizador* do PHN. A própria RCC se apresenta como *força idealizadora e renovadora do catolicismo e do fortalecimento do aparelho ideológico católico no Brasil* (p. 60). A partir da noção de *tendências orgânicas*, Sofiati apresenta não uma tipologia do catolicismo contemporâneo, mas descreve “tendências” manifestas deste catolicismo.

A RCC ou o pentecostalismo renovador católico surge dentro de um ambiente secular em que a religião perde seu monopólio e convive “de fato” com outras manifestações e expressões religiosas que possuem sua lógica de atuação social. Se o próprio ambiente moderno produziu o “desencantamento do mundo” ou a “desmagização”, não cessou de produzir efeitos contrários, isto é, a “magização” e o reencantamento mundano. A RCC cumpre este papel que solidifica novamente a certeza das coisas. O autor observa que o movimento religioso carismático católico aglutina pessoas de todas as classes sociais e, mesmo as mais possuidoras de capital simbólico acolhem a magia, posicionando-se reservadamente ao mundo exterior. Quanto à ideia de *subserviência ao Vaticano*, o autor confirma tal posição dada pela RCC aos escalões da hierarquia (p. 83).

Sobre a secularização brasileira, o autor corrobora a tese de Lísias Nogueira Negrão, de que houve uma emancipação secular político-econômica, mas que esta emancipação tangenciou a maneira de pensar dos brasileiros *continuando sob o encantamento de uma cultura religiosa mágica* (p. 86). A tríade mistério-milagre-magia é uma ferramenta de compreensão da cultura brasileira que se modernizou apenas em alguns âmbitos, mas preservou – não sem interferências – a prática religiosa dos sujeitos. Esses são *avessos às fidelidades religiosas e à racionalização do comportamento* (p. 87). Afunilando um pouco mais

a realidade religiosa brasileira, Sofiati aponta determinado pluralismo interno dentro do cristianismo, mormente entre os pentecostais e a Igreja Católica Apostólica Romana (ICAR). A influência exercida pela ICAR ainda é substancial na realidade brasileira. Na sociedade plural brasileira, a sobrevivência e a continuidade católica dependerão dos seus gestores eclesiásticos de criar métodos adequados de satisfação dos seus fiéis, mesmo que atualmente o seu monopólio esteja comprometido.

Tal realidade brasileira impôs à Igreja Católica um catolicismo plural presente e atuante também dentro do seu próprio campo religioso, manifestado nas práticas da RCC e nas chamadas Novas Comunidades Católicas. Analisando essa diversidade católica, Sofiati descreve *as tendências do catolicismo brasileiro*. Subsidiado nos aportes teóricos dos teólogos Leonardo Boff e João Batista Libânio, e dos cientistas sociais Löwy e Gramsci, o autor procura uma interpretação adequada desta diversidade religiosa *ad intra* catolicismo. Para Sofiati, as palavras *modelos* e *cenários* são insuficientes para entender a ocorrência de manifestações no catolicismo. Opta por *Tendências Orgânicas do Catolicismo e quais são os jogos de força presentes neste meio* (p. 95). Tais tendências já foram outrora elucidadas por Gramsci e reforçadas atualmente por Löwy e podem ser classificadas da seguinte forma: a) Tradicionalistas; b) Reformadores; c) Radicais e d) Modernizadores conservadores. Sofiati faz uma adaptação destas para dentro do catolicismo atual e loca a RCC na quarta (4ª) tendência. A RCC conta hoje com uma forte estrutura organizativa. Articula-se em meio às chamadas *comunidades de vida e aliança* que utilizam meios midiáticos de visibilidade e redes sociais para agenciar/recrutar adeptos. Preservando alguns elementos da tradição católica, por exemplo, a devoção mariana e *admiração* pelos papas, ela se *situa entre católicos e evangélicos* (p. 116). Distante ou não, a RCC produz determinado tipo de religiosidade que pauta na maximização das emoções, da cura e libertação dos vícios pela intervenção do Espírito Santo e dá ênfase aos dons de cura e profecia. As características mais gerais aqui expostas da RCC se aplicam a ela, com os devidos ajustes, às NCC.

O autor percebe que existem tensões entre RCC e a Igreja Católica, mas o que prevalece *é uma profunda e intensa comunhão com a doutrina apostólica romana* (p. 120). Se, por um lado, a RCC como um tipo de organização complexa (com sua estrutura e redes de relacionamentos) que se une por uma finalidade comum para alcançar determinados objetivos, por outro lado, as instituições – como a Igreja Católica – que determinam as regras do jogo elencando aqueles atos considerados permissivos e/ou proibidos não se pode esperar aí, desta relação, talvez uma *sintonia* ou *intensa comunhão* doutrinária. Os agentes mais especializados que ocupam posições mais estratégicas dentro da RCC é que podem conhecer a doutrina sobre a qual devem decidir e mesmo

estes passam a construir *realidades subjetivas* e a atuar sob estas. Na melhor das hipóteses, aqueles agentes podem tentar aproximar suas cosmovisões da própria realidade doutrinal e ritual requerida pela Igreja Católica. Mesmo que esta produza leis, documentos, regulamentos, contratos e que sejam mecanismos mais adequados de correção de erros, fazendo que haja convergência entre aqueles agentes e os resultados esperados pela ICAR, não há como controlar a atuação daqueles grupos mesmo em nível doutrinário ao menos que os ex-comungue. Podemos levantar uma questão: a Igreja Católica é, de fato, uma instituição eficiente, promovendo um arranjo institucional capaz de estimular a RCC numa atividade doutrinária que traga retornos plausíveis e positivos sem que precise intervenções do tipo “regulamentações”, “normas” de convivência, etc.? Segundo Sofiati, a RCC, embora vista como um “movimento” dentro da ICAR, se autointerpreta como um “renovar da igreja pelo Espírito Santo”. E mais, a consolidação da RCC no Brasil está diretamente ligada à autonomia política e religiosa, sem a ruptura com a ordem institucional da Igreja Católica (p. 128).

Na terceira e última parte do livro, o autor discorre sobre a atuação da comunidade Canção Nova em Cachoeira Paulista, São Paulo, a *gestação* do movimento jovem PHN, além das observações de campo em Araraquara. A Canção Nova possui um *ministério jovem* (MJ), outro identificado como *Ministério Universidades Renovadas* (MUR) e, por fim, o *Ministério de Música* (MM) que se organizam praticamente em todo o Brasil. Incentivam a participação jovem com temas como sexualidade, drogas, afetividade, encontros vocacionais, além do *lazer no Espírito*: Cristotecas, *Raves Católicas* (p. 136). Sofiati descreve a organização da RCC em *comunidades carismáticas*. A forma de inserção nestas comunidades pode ser: de *Aliança* ou *Vida*. A *Aliança* refere-se a um comprometimento parcial do sujeito com participação em reuniões periódicas, sendo que seus proventos ou rendimentos advêm da sua inserção profissional na sociedade. Já os que assumem *Comunidades de Vida*, renunciam a suas vidas particulares, fazendo inclusive votos de pobreza, obediência e castidade para viver da “obra”. Pautado pelas observações de Carranza (2009), Sofiati indica que as *comunidades carismáticas são estruturas intermediárias de sentido fazendo ponte entre indivíduo e sociedade*. São estruturas organizacionais independentes que atuam paralelamente à RCC. Tal autonomia é *estrutural*, sendo que seus *programas sintonizam com a RCC no tocante a um mesmo modelo de espiritualidade* (p. 146). O tipo de relacionamento que se estabelece entre as NCC e modernidade é problemático. Estabelecem uma relação de proximidade/distanciamento quando convém. Proximidade no sentido da utilização de recursos emocionais e midiáticos, e distanciamento no sentido de confrontar com os denominados valores anticristãos: individualismo, consumismo, hedonismo, etc.

Após descrever pormenorizadamente a comunidade Canção Nova, sua evangelização na juventude e na mídia, o autor reúne algumas características do PHN, setor juvenil da Canção Nova. Tendo como idealizador Dunga, formador espiritual principal da PHN, promove alguns encontros de jovens, chamados de acampamentos, com o intuito de convertê-los e preservá-los dentro da lógica carismática de evangelização. O incentivo à permanência se dá de duas maneiras: a) a vitória é garantida e b) a luta contra as forças do mal, pois este precisa ser *combatido*. Na visão de Dunga, a juventude perdeu sua referência enquanto jovem, assim como os valores cristãos e familiares sofreram uma debilitação social. Cabe ao movimento resgatá-los e mostrar sua importância no cotidiano: *conhecer Jesus para se livrar do pecado* (p. 156). Os meios de comunicação social (MCS): TV, rádio, internet, música, celulares são formas modernas não somente de informar aquilo que ocorre no PHN, mas veicular uma mensagem que reforce a imagem do líder e do grupo. Os MCS estão a serviço do PHN, exercendo uma influência múltipla, moralizando as atitudes de seus membros, promovendo valores cristãos e reforço da unidade católica carismática dos jovens. O ponto forte da moral religiosa veiculada pelo PHN atualiza os padrões comportamentais do chamado “pai espiritual” da RCC, padre Jonas Abib.

Os padrões morais que envolvem questões de sexualidade são considerados prioritários no PHN, mormente ao que gira em torno da castidade antes e depois do casamento, isto é, o ato sexual só tem validade na procriação da espécie e há a necessidade de evitar um direcionamento que consolide o prazer pelo prazer. No entanto, o uso e abuso das imagens bíblicas e da virgem Maria são indicativos para reforçar tais valores: *renúncia de si, comunhão eucarística, jejum e confissão com um agente especializado – o sacerdote católico* (p. 167). O jovem, público-alvo central da prática evangelizadora do PHN é “treinado” a se distanciar do pecado, *assumindo um caminho de sofrimento e dor, de certeza imbuída de sofrimento, ao molde do cristianismo tradicional* (p. 170). Sofiati apresenta uma das suas primeiras conclusões pautadas na investigação e observação de campo: os jovens são formados para *não liderarem, não questionarem, seguirem a voz do pastor e a assumirem os preceitos do PHN* (p. 171). Na modernidade e com a autonomização das esferas da vida, as esferas estética e erótica se contrapõem a qualquer exigência de cunho ético proposto pela religião. A esfera erótica, por ser irracional, se contrapõe ao socialmente obrigatório veiculado pela PHN, diz Sofiati. Daí a necessidade deste grupo de se sobrepor a uma ética subjetiva livre e o esforço de empreender um tipo de linguagem coercitiva e restritiva diante da juventude que ali se faz presente.

No último capítulo da terceira parte, o autor apresenta sua inserção no campo, descrevendo detalhadamente as suas estadas nos lugares escolhidos

por ele quanto à concentração de grupo de jovens do PHN, bastidores da Canção Nova. Nestes espaços de significação simbólica, o autor faz algumas entrevistas informais e outras com dias e horários marcados. Apoiado pela pesquisa institucional, “Mapa municipal da Juventude”, realizada em 2007 pela UNESP, na qual aponta um nível de 44,83% de participação juvenil em grupos religiosos, 68,89% iniciam a atividade sexual entre 15 e 18 anos, 52,17% dos jovens manifestam simpatia com música, Sofiati constrói sua argumentação nestes indicadores ajudando-o a perceber por que as instituições religiosas e, em particular, os grupos carismáticos centralizam temas como sexualidade, música em suas pregações, livros, exortações etc. (p. 181-186).

Parece oportuno agora destacar a conclusão do trabalho de Sofiati em relação ao que este autor pesquisou. O que faz os jovens a procurarem e eventualmente a se fixarem nos grupos carismáticos se relaciona a questões do tipo: *envolvimento com drogas, desafetos familiares, dificuldades financeiras*. Identificada por Sofiati de *religião de clientela* (p. 219) a PHN possui um rol de atrativos físicos e simbólicos oferecidos publicamente: CDs, DVDs, adesivos. O *novo sujeito* que ali se forma passa pela compra de um produto que oferece segurança, estabilidade emocional e religiosa, mesmo que isto se pague com dor e sofrimentos.